

AS DUAS NATUREZAS DO CRENTE

R.F.K.

Muitos crentes, depois de terem visto que os seus pecados foram perdoados, ficam aflitos quando descobrem que o pecado ainda opera em seus corações. Não podem evitar os desejos constantes e a concupiscência da carne.

“Eu pensava”, dizem eles, “que depois de ter sido convertido não pecava mais e que teria sempre gozo”.

Talvez, saindo de casa uma manhã, alguma coisa os perturba e perdem logo a calma. O diabo vê e imediatamente segreda-lhes:

“Como você pode ser convertido e ter tão mau gênio? Tem certeza de que foi convertido? Não terá sido um equívoco?”

Assim as almas são atiradas para um estado de incerteza talvez pior do que quando foram despertadas do seu estado de pecadores perdidos perante Deus. Contudo, isto acontece por causa do crente não ver que agora tem duas naturezas: uma que é nascida da carne e é pecaminosa e a outra que é nascida de Deus e é santa.

Somos nascidos em pecado (Salmo 51.5), com uma natureza decaída e corrompida, em inimizade contra Deus e que não é sujeita à lei de Deus (Efésios 4.22). Isto é verdadeiro a respeito de todo o que é nascido no mundo, ainda que seja amável, delicado, generoso e bondoso, e tenha todas as boas qualidades.

Esta natureza não pode ser melhorada, porque está escrito na epístola aos Romanos 8.7: “*não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser*”. Portanto, os que estão na carne (os filhos do primeiro Adão) não podem agradar a Deus.

O Senhor, que sabia como a nossa velha natureza era inteiramente má, disse a Nicodemos: “*Não te maravilhes de te*

ter dito: Necessário vos é nascer de novo [isto é, ter uma nova natureza]” (João 3.7). É claro que se a velha natureza pudesse ser melhorada, não haveria necessidade de uma natureza nova. Logo que uma pessoa crê em Cristo e O aceita como seu Salvador é nascida de novo, recebe uma nova vida e uma nova natureza que não tinha antes.

Está escrito: *“A todos quantos O receberam [receberam a Jesus] deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no Seu Nome. Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus”* (João 1.12-13).

Quando o crente considera que tem esta nova natureza, a Escritura Sagrada diz: *“Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado, porque a Sua semente permanece nele, e não pode pecar porque é nascido de Deus”* (1 João 3.9). A carne, a velha natureza, não é nascida de Deus: *“O que é nascido da carne é carne”* (João 3.6).

Esta natureza que recebemos de Adão é chamada em muitas passagens das Escrituras PECADO. Quando a Escritura fala de PECADOS, refere-se ao fruto que a velha natureza produz, isto é, ofensas cometidas. Assim, em Mateus 7.17, lemos: *“Toda a árvore boa produz bons frutos, e toda a árvore má produz frutos maus”*. A árvore é o homem com a sua velha natureza, o PECADO, cujos frutos são os PECADOS. Se todo o fruto fosse tirado de uma árvore, a árvore por si, ainda assim, ficaria e daria, provavelmente, mais fruto.

Assim é conosco. Se os nossos pecados fossem perdoados até o dia de hoje, temos ainda a natureza pecaminosa capaz de praticar muitos mais. É muito importante vermos duas coisas nas Escrituras: O PECADO (a velha natureza) e PECADOS (os frutos dessa natureza).

Podemos ver o contraste entre o PECADO e os PECADOS em 1 João 1.8-9: *“Se dissermos que não temos PECADO [a natureza pecaminosa], enganamo-nos a nós mesmos e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos PECADOS, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados”*.

Porém, o que foi feito dessa natureza perante Deus? Nós não poderemos ter uma natureza pecaminosa no céu.

Cristo, na cruz, levou não somente os nossos pecados como foi feito pecado (2 Coríntios 5.21). Em Romanos 8.3, lemos: “*Deus enviando o Seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne*”. De modo que, para o crente, o pecado na carne, origem e ramificações, foi condenado na cruz.

O único meio de acabar com uma natureza é por meio da morte. Não podemos falar de uma natureza como havendo sido perdoada. Suponhamos que fosse pecado um homem respirar; a única maneira de evitar que ele respirasse seria matá-lo e assim acabava-se com ele. Adiantaria dizer-lhe: “Não deve respirar”, porque é a sua natureza fazer isso. Assim acontece conosco.

Temos uma natureza que é nascida em pecado e nada faz senão pecar, porque toda a imaginação da velha natureza é má (Gênesis 6.5). É o que aflige o homem de Romanos 7, o qual representa a experiência de uma alma que tem nascido de novo, como nos mostra o versículo 23 (um incrédulo não se deleita na lei de Deus segundo o homem interior).

Ele deseja guardar a lei de Deus e descobre que não pode consegui-lo porque a lei não só diz: “*Não furtarás*”, o que um incrédulo, pode fazer, mas também: “*Não cobiçarás*”, não deverás alimentar maus pensamentos em teu coração.

Mas alguém dirá: “Não posso evitar ter maus desejos”. É precisamente isto. Nós não podemos evitar de pecar por natureza e é por isso que todos os pecadores estão perdidos. A segunda coisa que ele descobre, no versículo 18, é que nele, isto é, na sua carne, não habita bem algum, e no versículo 20, ele descobre que, se faz o que não quer, já não é ele que o faz, mas o pecado que habita nele.

No versículo 23 este pecado que habita nele é forte demais para si e obriga-o a fazer o que não quer, e leva-o para o cativoiro, o que o obriga a clamar: “*Quem me livrará do corpo desta morte?*” (versículo 24), quer dizer, de mim mesmo, o que herdei de Adão.

A maneira como ele é libertado acha-se em Romanos 6, onde lemos: *“Sabendo isto que o nosso homem velho foi com Ele crucificado, para que o corpo do PECADO [e não dos PECADOS] seja desfeito, para que não sirvamos mais aos pecados.”*

Assim, pela fé, vemos que os nossos pecados não somente são tirados, como a questão de nosso PECADO (por natureza) foi já resolvida; o corpo do pecado foi destruído, tendo sido o homem velho (nós mesmos como filhos de Adão) crucificado com Cristo.

E Cristo, o nosso Substituto, morreu e o que é verdadeiro a respeito do nosso Substituto, é verdadeiro a nosso respeito. E Deus julga-O exatamente como se nós tivéssemos morrido, como diz o versículo 8: *“Se já morremos com Cristo”*.

Em Colossenses 3.3, ainda fica mais claro e lemos: *“Já estais mortos”*. Assim, a velha natureza está definitivamente morta aos olhos de Deus. Não somos chamados para nos sentir mortos, mas para crermos que, aos olhos de Deus, estamos realmente mortos.

O seguinte incidente que ouvi uma certa ocasião, poderá, talvez, explicar esta verdade.

Durante a guerra franco-alemã, todos os alemães que viviam na Inglaterra foram chamados às fileiras alemãs. Alguém, encontrando um seu amigo alemão numa das ruas de Londres perguntou-lhe por que não tinha ido para a guerra. *“É porque estou morto”*, respondeu-lhe o amigo. *“Você está morto?! Que quer dizer?”*. *“Bem eu não queria ir mais à guerra e, por isso, aceitei a oferta de um jovem para ir como meu substituto; ele foi em meu lugar, tomou o meu lugar e foi morto. Isso foi contado como se eu próprio estivesse morto. E sou considerado um homem morto e nunca mais poderei ser mobilizado”*.

Como vemos, o homem não estava na realidade morto, mas era considerado como tal pelo governo, muito embora ele estivesse vivo. Assim é conosco. Cristo, como nosso Substituto, morreu e isto é o mesmo como se nós tivéssemos morrido, aos olhos de Deus.

Que descanso é sabermos que o nosso PECADO foi condenado, o nosso homem velho crucificado com Cristo, e que tudo acabou desta maneira diante de Deus. Romanos 6.10 diz: *“Quanto a ter morrido [Cristo], de uma vez morreu para o pecado, mas quanto a viver, vive para Deus”*.

O Senhor ressuscitou ao terceiro dia, livre de pecado e de pecados. Ele é o ressuscitado, que passou pelo julgamento e pela morte por nós, que cremos em completa e perfeita aceitação de Deus. E nós estamos nEle, nesta graça pura, aceitos (ou tomados por graça) *“no Amado”* (Colossenses 1.21-22; Efésios 1.6).

Que maravilhoso lugar para onde fomos trazidos! Que salvação, digna do próprio Deus, que nós, que éramos inimigos e filhos por natureza da ira, fôssemos não apenas salvos do pecado e dos pecados, mas trazidos a Deus, a um lugar de aceitação infinita de graça no Seu Filho para ver ali, pela fé, Aquele bendito Senhor que foi feito pecado por nós na cruz e poderemos dizer: *“O Qual é, somos nós também neste mundo”* (1 João 4.17).

Temos o Seu lugar como Homem diante de Deus. Que lugar de aceitação Ele é! Deus, o Pai, ama-O. Escutai as Suas Palavras: *“Este é o Meu Filho amado em Quem Me comprazo”* (Mateus 3.17); *“o Meu Eleito, em Quem se compraz a Minha alma”* (Isaiás 42.1) e pensarmos que nós somos amados como Ele é amado! *“O amor com que Me tens amado, esteja neles”* (João 17.26).

Que lindo quadro nos deu o Senhor em Lucas 15, de um pecador trazido a Deus, em Cristo. Vede o filho que um dia se achava num país distante em seus andrajos, agora trazido para a casa do pai, assentado à sua mesa, vestido com o melhor vestido e comendo do bezerro cevado.

Não somente a alegria do filho é completa como o coração do pai se alegra por o ter ali. Ouvi a voz do pai, dizendo: *“Era justo e alegramo-nos, e folgamos, porque este teu irmão estava morto e reviveu, tinha-se perdido e foi achado”* (Lucas 15.32).

Que bem-aventurança sabermos que somos trazidos a Deus em Cristo e feitos *“justiça de Deus nEle”* (Efésios 1.6);

filhos de Deus, aptos a estarem na luz pura de Sua presença sem mácula e amados como Cristo é amado, para participarmos da mesma glória que Ele tem (João 17.22).

Não apenas alegria completa, que verdadeiramente temos, mas sabermos que Deus nosso Pai sente gozo em nos ter, Seus filhos amados, perante Si; nós que antes estávamos “longe”, mas agora chegamos “perto” em Cristo (Efésios 2.13).

“Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai, que fôssemos chamados filhos de Deus. Por isso o mundo não nos conhece, porque não O conhece a Ele” (1 João 3.1).

Que amor inefável!

Se é este o nosso lugar em Cristo, nós somos deixados neste mundo para manifestar Cristo e andar como Ele andou. *“Para que sejais irrepreensíveis e sinceros... inculpáveis no meio de uma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo. Retendo a palavra da vida”* (Filipenses 2. 15-16) até que o Senhor venha, *“que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o Seu corpo glorioso”* (Filipenses 3.21).

Então teremos acabado para sempre com o pecado, o mundo, a carne e o diabo, e todas as coisas que interrompem o nosso gozo e a nossa comunhão neste mundo, e estaremos para sempre com o Senhor.

Contudo, não obstante estarmos em Cristo perante Deus, ainda temos a velha natureza em nós, e muitas vezes a nossa experiência e os nossos sentimentos dizem-nos que não *“estamos mortos para o pecado”*.

Mas em Romanos 6.11, lemos: *“Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor”*.

Não seríamos exortados a considerarmo-nos mortos se o estivéssemos de fato. Porém, este versículo quer dizer que nós devemos crer que morremos em Cristo, porque Deus assim no-lo diz na Sua Palavra; porque sempre teremos esta natureza pecaminosa em nós enquanto estivermos neste mundo e, portanto, devemos pôr em prática esta verdade de termos morrido com Cristo, e mortificar (ou levarmos à morte)

os nossos membros que estão no mundo (Colossenses 3.5) ou como está escrito em 2 Coríntios 4.10: *“Trazendo sempre por toda parte a mortificação do Senhor Jesus em nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal”*; quer dizer, se conservarmos praticamente a velha natureza no lugar da morte, por termos morrido com Cristo, então a vida de Jesus se manifestará.

Contudo, podemos falar neste sentido ou, em outras palavras, podemos pecar. Que devemos então fazer? Devemos ir a Deus, nosso Pai, como filhos, e confessar o nosso pecado. Em 1 João 1.9 temos a promessa de que *“se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda injustiça”*.

Não devemos pensar que podemos pecar como cristãos, mas, se pecarmos, a nossa posição em Cristo permanece inalterável e a nossa comunhão é interrompida e falta-nos a alegria. Quando, porém, é feita a confissão, somos, pela graça, restaurados mediante a advocacia de Cristo. Não é uma questão de afastar o pecado da presença de Deus (isto foi feito na cruz), mas é o Pai perdoadando um filho e a comunhão sendo, assim, restaurada.

“Pelo que também rogamos sempre por vós, para que o nosso Deus vos faça dignos de Sua vocação, e cumpra todo o desejo de Sua bondade, e a obra da fé com poder. Para que o nome de nosso Senhor Jesus Cristo seja em vós glorificado, e vós nEle, segundo a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo” (2 Tessalonicenses 1.11-12).

.oOo.